



A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira

Manuel Ferro

Coordenação

Maria Helena Ribeiro da Cunha
Universidade de São Paulo

UM DICIONÁRIO DA LÍRICA CAMONIANA

Um poeta e um texto podem ter dois destinos diversos. Um poeta e seu texto, em 1595, cumprem uma diversidade apenas aparente.

Dele, do seu texto, o poeta cego de um olho não viu impresso *num breve livro* seus *casos tão diversos*, segunda e suprema ironia da sorte de lhe suprimir à vista a glória de se ver lido, logo ele para quem a visão, que exaltou, era o caminho seguro para aferir as *verdades puras*.

O poeta já completara o sublime e desgraçado desterro; cabia agora ao texto segui-lo buscando na trajetória inversa o sucesso que não lhe concederam em vida. Às *Rythmas* seguem as *Rimas*, tão próximas no tempo que são marca inegável do êxito desse texto vindo à luz novamente três anos depois.

Mas não são tão diversos os fados, o do poeta e o do texto. Ao primeiro, tiraram-lhe um olho; o segundo furtaram-no antes e, depois, como vingança de algum *daimon* enraivecido, lhe vão acrescentando tantos e tantos pedaços e lhe escoimando outros que encontrar o *mais próprio que o Poeta queria dizer, sem violar a graça & termo particular seu*, é tarefa heróica da crítica embaraçada no garimpo dos erros que o zelo dos séculos lhe impôs. Missão difícil a de buscar por todos os meios a *forma própria*, a do *grande engenho*.

Por todos os meios cabe-nos por obrigação encarar o texto do poeta, desvendando-lhe a palavra, suas tensões, os sentidos, suas relações, as diferenças entre elas, suas referências, o significado. Em suma, traduzir a língua do poeta, traduzir a língua de Camões. Fruir o “prazer do texto”, entretanto traz o obstáculo da incerteza, do forjado, por vezes da desordem do acaso, que criou o enigma do enigma, o impasse do qual ainda não se conseguiu sair em boa parte.

Desembarçando-me das rebarbas de meu texto, digamos, portanto, o óbvio: que o grande problema de quem se debruça sobre a lírica camoniana é, em primeira instância, o de ter em mãos um texto apócrifo e descartá-lo; em segunda, o desdobrar o largo espectro de significados contextuais. A larga contribuição dos estudos de críticos consagrados e conhecidos, no primeiro caso, já nos vai dando certa tranquilidade e segurança impensáveis por longo tempo. Quanto a descobrir-lhe os significados, recônditos nas variadas formas poéticas, despertou-nos a ambição de levantar a matéria para um dicionário da lírica camoniana pelo qual se possa, palavra a palavra, trazer o entendimento do texto.

Abraçamos, entretanto, não sem certo temor e demora a idéia que nos sugerira Evanildo Bechara, há alguns anos, ao ministrar suas lições camonianas na Universidade de São Paulo. Não nos falta humildade; e cautela adquirimo-la para não irmos à empresa como mofina vicentina. Com uma pequena equipe de professores e alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo e com a orientação de Cleonice Berardinelli, iniciamos, depois de alguns retardamentos, as pesquisas instrumentais do empreendimento. Recentemente enviou-nos Antônio Geraldo da Cunha o volume do *Índice Analítico do Vocabulário dos Sonetos da 1ª edição (1595) das "Rythmas" de Camões* (Ed. Lucerna, Rio de Janeiro, 1995), obra que segue na trilha da anterior sobre *Os Lusíadas*, em 3 volumes (Instituto Nacional do Livro, 1966), livros que nos ajudarão sobremaneira no nosso trabalho, tanto quanto o levantamento e o registro já feitos pelas orientandas de Cleonice Berardinelli, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1976¹.

Digamos ainda que a nossa intenção de realizar um dicionário das *Rimas*, sobre ser aparentemente pretensiosa e temerária, tem por objetivo contribuir com seus resultados, em mínima parte, para a crítica textual, e em sua principal missão revelar aos que não conhecem, ou conhecem pouco, a língua de Camões em sua variedade e riqueza.

Como critério básico ficaremos com as edições de 1595 e 1598, não obstante se lhe possa negar o benefício da cautela, conscientes da crítica que se tem dedicado aos textos dessas edições. Sabe-se perfeitamente que as duas edições não são "originaes", contudo não se esqueça o fato de que, publicadas ao final do século XVI, são a expressão mais próxima do Poeta e constituem exemplos inquestionáveis da língua quinhentista impressa. Foi com esse propósito que desenvolvemos o projeto do dicionário, circunstância, porém, que não impede as citações e o apelo a outras edições (especialmente as mais polêmicas como a de Faria e Sousa), e o auxílio às informações de teor variado como, entre elas, as de autoria duvidosa.

A seleção de palavras que constituirá a composição dos verbetes obedecerá à importância que o texto concede aos vocábulos, seja em número, seja em conteúdos, em suas relações sintáticas, causa de alguma reflexões acerca de problemas candentes de significado ainda não levantados. É inegável a presença preponderante e maciça de certas palavras no acervo vocabular da lírica camoniana de que se pode extrair um ideário, indicativo de sua visão de mundo e da cultura renascentista. Não é de admirar, portanto, o número de vezes em que surge a palavra *amor*, tema fulcral de sua lírica e agente da infelicidade do Poeta, ora como entidade cruel que impõe sua vontade, ora como sentimento contraditório que o leva à perplexidade. Mas outras não lhe ficam atrás em importância. Os verbetes selecionarão nos textos os diferentes vocábulos e situações como exemplo dos significados possíveis, carregados de sua tradição cultural. É o caso de vocábulos que frequentam de forma relevante o texto camoniano como

alma

"Se nela está minh'alma transformada" (RH 4.5, Ri 10.5)

"Alma minha gentil que te partiste" (RH 13.1, Ri 19.1)

¹ Fernanda Bastos Moraes, Amarilis Tupiassu Sampaio, Franca Alves, Maria Thereza Abelha Alves e Maria Elizabeth de Vasconcelos.

“E dar descanso ás *almas* condenadas” (RH 18.14, Ri 24.14)

“Que a branda e a viva *alma*” (este na ode VI)

desejo, desejar

“Não tenho logo mais que *desejar*” (RH 4.3, Ri 10.3)

“Pede o *desejo* (dama) que vos veja” (RH 26.1, Ri 31.1 em RH Pedeme)

“Que bem delle esperais *desejos* tristes” (RH 50.14, Ri 55.14)

pensamento

“O gosto de hum suave *pensamento*” (Ri 1.3)

“Está no *pensamento* com o idea” (Ri 10.12)

“Em fim nestes cansados *pensamentos*” (Ri 34.13)

aqui apenas para citar três exemplos de vocábulos e situações significativos. Impossível, por outro lado, ignorar as variantes que determinam dificuldades ou modificações de sentido como em *Rezão é já que minha confiança* por *Tempo é já que minha confiança* (em RH e Ri), cuja fortuna será sempre a de variar nas edições que se seguiram às duas primeiras.

Enfim, as espécies que o dicionário trará ao usuário ou leitor são numerosas e diversificadas, difícil de enumerá-las afastadas de seu contexto.

Não desejava terminar, entretanto, sem dizer que o nosso longo magistério na Disciplina e no Programa de Estudos Camonianos nos levou à consciência da grande dificuldade que o leitor moderno - pelo menos no Brasil -, sente diante de um texto de autor clássico, ainda que do século XVI, acostumado hoje, no seu dia a dia, a uma comunicação quase sem palavras e a uma relação lógica entre elas inexistente. Reabilitar a língua do poeta, é reabilitar uma linguagem “viva e pura”, como diria Camões, e inteligente, acrescentaríamos nós. Só esse fato justificaria um dicionário mínimo da lírica camoniana.

Revista Camoniana

A Revista Camoniana surgiu na década de 60, os dois primeiros números da 1ª série, o 3º em 1970 como último dessa série, pelas mãos de Segismundo Spina, então Titular de Literatura Portuguesa e da Disciplina de Camonologia. Extinguiu-se a 1ª série nesse 3º número, por falta de apoio financeiro e institucional. A publicação só foi reabilitada em 1978, por iniciativa de Massaud Moisés, Diretor, na ocasião, do Centro de Estudos Portugueses que me confiou a sua direção e na qual permaneço até à data. Em 18 anos de existência da 2ª série, conseguimos publicar nove números, o que dá uma média estatisticamente, de um número a cada dois anos. Entretanto, a realidade é outra: o último número, embora com a data de 1994, saiu em 95 e até agora, em 1996, mal foi distribuído, até para os colaboradores.

Esse fato, apenas *um* e isolado, dá a medida das dificuldades da publicação da *Revista*, advindas da subtração de verbas, da ausência de colaborações, da boa vontade das Diretorias, da falta de infra estrutura, da inexistência de auxiliares, abnegados ou não, do emperramento da burocracia.

Algumas dessas dificuldades, os nossos recursos técnicos foram eliminando. Para compensar, outros há e mais sérios: a ausência de colaboração de autores e o esforço de fazer prevalecer a *Revista* no mar de pretensões da política universitária. Juro que preferia ficar com as primeiras.

Mas não sou dada às lamentações. Depois de algumas tentativas alienígenas não explícitas de terminar com a *Revista*, surge uma esperança no fim do túnel, com condições, é claro, que não terão o aval e a certeza: 1. entregarmos a colaboração em disquetes (em bruto), 2. de a publicação ser anual para permitir assinaturas.

Ora, em ambos os casos, precisamos de apoio que não depende só do alento interno: primeiro, a colaboração; segundo, até mesmo a garantia de uma aquisição paga (em assinatura), seja ela individual ou institucional. A publicação de 500 ou 1.000 exemplares, por exemplo, não é assim tão pretensiosa.

Para facilitar a colaboração sem entrar na “facilidade” e “descaracterização” da *Revista*, pensamos em abri-la aos artigos sobre o século XVI, além de Camões; para reabilitar a secção bibliográfica, pedir que a contribuição também viesse de fora. A secção de “documentos”, apenas iniciada, continuar e, finalmente, aceitar as sugestões que pudessem contribuir para a sua dinamização, atualidade, modernização etc.

É uma tentativa de que não sabemos o sucesso, mas único caminho para assegurar sua publicação.